



Ciencias Sociales y Religión / Ciências Sociais e Religião

ISSN: 1518-4463

ISSN: 1982-2650

Universidade Estadual de Campinas

Aviz, Alan Silva de
SEXUALIDADE E RELIGIOSIDADE: UM ESTUDO SOBRE A FREQUÊNCIA
DE HOMOSSEXUAIS EM IGREJAS EVANGÉLICAS EM BELÉM
Ciencias Sociales y Religión / Ciências Sociais e Religião, vol. 21, e019014, 2019
Universidade Estadual de Campinas

DOI: <https://doi.org/10.20396/csr.v21i00.12651>

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=717975896013>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em redalyc.org



Sistema de Informação Científica Redalyc

Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal

Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto

SEXUALIDADE E RELIGIOSIDADE: UM ESTUDO SOBRE A FREQUÊNCIA DE HOMOSSEXUAIS EM IGREJAS EVANGÉLICAS EM BELÉM

Alan Silva de Aviz
Universidade Federal do Pará

Resumo: Este artigo é parte de um estudo que teve como objetivo compreender o fenômeno da assistência homossexual nas igrejas evangélicas de Belém do Pará. A partir da história de vida de seis indivíduos que frequentam esses espaços religiosos, procuro apontar para os fatos contraditórios, e ao mesmo tempo conflitantes, entre a conciliação da sexualidade desses personagens que se auto afirmam homossexuais e os dogmas, regras e valores disseminados em tais igrejas, onde a frequência de homossexuais não é vista de forma harmoniosa em relação à condição moral de convivência. Por meio de uma pesquisa etnográfica realizada em 2016 e 2017, o trabalho em questão aponta para o dilema vivido por homossexuais na tentativa de se manterem frequentes nessas instituições religiosas sem serem aceitos ou mesmo percebidos enquanto homossexuais, vivenciando com isso um paradoxo moral e social na maneira como essa condição é observada.

Palavras Chave: sexualidade, homossexualidade, religião e moral.

Sexuality and religiosity: a study on the frequency of homosexuals in the evangelical Iglesias in Belém

Abstract: This article emerges from a research of homosexual identity in members belonging to three of the main evangelical churches of Belém do Pará (Brazil). Based on the analysis of six life stories of people attending these religious spaces, the study explores the contradictory facts that arise between the reconciliation of homosexual identity and the dogmas, rules and values of churches (where homosexuality is inevitably considered sinful). Through an ethnographic research carried out in 2016 and 2017, the work focuses on the homosexuals experience dilemma when they remain in these religious institutions, without being accepted or even perceived as homosexuals, thus experiencing a moral paradox in the way this condition is observed.

Key-words: sexuality, homosexuality, religion and morality

Introdução

Em 2012, o Brasil acompanhou por meio da mídia em geral, a polêmica que emergiu sobre frentes evangélicas que se propuseram a reprimir e conter os avanços sociais da categoria LGBT. Categoria essa que, segundo Carrara (2016), unificou-se a partir de um contexto político e ativista (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais) em prol de direitos sociais. De acordo com Motte (2006), esses direitos giraram em torno da garantia de políticas públicas de combate à violência discriminatória e a perspectiva da aprovação de casamento e união estável

de pessoas do mesmo sexo. Tal resistência torna-se evidente, ou ganha cada vez mais notoriedade, por conta do posicionamento dessas frentes religiosas em direção aos homossexuais, principalmente quando entram em jogo questões incidentes acerca da moral, como nos exemplos citados a seguir: entrevista concedida por Silas Malafáia ao programa “De frente com Gabi” em 2012, a polêmica sobre o ex-presidente da comissão dos direitos humanos e minoria, Marcos Feliciano em 2012; e o noticiário mostrado no TweetG1 do Jornal Nacional da Rede Globo no dia 05/06/2013. Esses casos trazem à tona uma condição aparentemente antagônica entre as vertentes evangélicas e homossexuais. Inerente a estes fatos, é possível perceber uma certa resistência social de um dos polos sobre o outro. De um lado, os evangélicos que não aceita a categoria homossexual, e do outro, homossexuais que cada vez mais lutam por seus espaços na sociedade, em que muitas vezes são rechaçados por grupos conservadores, que não necessariamente são evangélicos. Contudo, é nesse cenário de resistência e conflito entres sexualidade e religião, que, surge um fenômeno na contramão a tudo isso, que consiste na permanência de sujeitos assumidamente homossexuais em Igrejas evangélicas na cidade de Belém.

Este trabalho contou com a colaboração de 6 interlocutores homossexuais que se dispuseram ao longo de 2016 e 2017, a contribuir com a minha dissertação de mestrado. Suas contribuições foram obtidas por meio de uma pesquisa etnográfica desenvolvidas com visitas as igrejas, entrevistas semi-estruturadas e observação participante. Sendo essa pesquisa desenvolvida contando principalmente com os relatos tanto dos sujeitos homossexuais como pelos representantes dessas instituições religiosas (Universal, Quadrangular e Assembleia de Deus), pautas sobre seus posicionamentos ao público homossexual. O artigo em questão, integra os primeiros resultados da pesquisa que se iniciou em 2016 e que compuseram o primeiro capítulo da minha dissertação, apresentada ao Programa de Pós Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará (PPGA-UFPA). O texto a seguir, trará uma linha histórica sobre o surgimento das instituições evangélicas no Brasil, até chegar nos dias de hoje, com atuais polêmicas envolvendo frentes religiosas evangélicas, bem como a dinâmica de circulação homossexual e espaços de diversidade, chegando abordagem sobre a frequência dos mesmos em igrejas evangélicas em Belém-PA, interpelando com discursões teóricas atuais a respeito da presença de homossexuais em espaços religiosos no Brasil.

Contexto histórico e expansão das igrejas Evangélicas

As religiões protestantes surgiram ainda no século XVI, como fruto de discordâncias a todas as práticas de violências e abuso de autoridade da igreja católica. O monopólio do conhecimento bíblico cristão, pela igreja católica, consolidou durante muito tempo a hegemonia dessa instituição nos discursos do saber, seja da vida do homem, como nas justificadas acerca do mundo e de todos os fenômenos do universo, seguindo em direção a toda a vida moral de homens e de mulheres durante a Idade Média. Dessa forma, o controle social obtido pela igreja naquele momento permitia com que muitas de suas improbidades fossem encobertas ou pouco

questionadas.

A bíblia enquanto fonte de saber estava condicionada a ser interpretada somente sob visão do catolicismo. É nesse contexto, e por meio das insatisfações relacionadas aos abusos de poder da igreja, que surge Martinho Lutero, figura apreciada até hoje por muitos protestantes. Suas práticas de resistências e de discordâncias ao que a igreja pregava e praticava, deram margens para origem da religião protestante, que emergiu do evento conhecido como “Reforma Protestante”; oriundas das contradições religiosas vividas naquele contexto em quase toda Europa. A Reforma Protestante lançou mão de muitos dizeres pregados em nome de Cristo pela igreja católica, para inicialmente aderir as 95 teses de Lutero, e com isso, uma nova racionalidade e moralidade vir à tona e se constituir na sociedade em geral. Se o protestantismo apontou críticas ao catolicismo, fazia-se, então, necessário conceber uma nova forma de vivenciar a crença em Deus, de preferência antagônica ao que o catolicismo vinha praticando. Com intuito de fazer frente às doutrinas do catolicismo, o rigor religioso protestante foi se firmando, até dá os seus primeiros passos na formação de uma igreja legitimamente protestante. Assim sendo, com o passar dos séculos o protestantismo foi se espalhando pelo mundo, como uma via de alternativa cristã para além da igreja católica, expandindo-se pela Europa até chegar à América.

O termo "evangélico" na América Latina designa as religiões cristãs originadas ou descendentes da Reforma Protestante Europeia do século XVI. As instituições evangélicas se consolidaram no Brasil oficialmente durante o final do século XIX e início do século XX, de acordo com Gilberto Stefano. Embora bem antes disso, ainda durante o período da colonização, os missionários protestantes já tivessem pisado no território brasileiro. Chegaram ao Brasil os primeiros missionários calvinistas (huguenotes-franceses), enviado por João Calvino, em Marco de 1557, e se instalaram na antiga colônia francesa na Baía de Guanabara, atual Rio de Janeiro, liderados pelos reverendos Pierre Richier e Guillaume Chartier. Ainda no ano de 1557, após os calvinistas franceses se estalarem em solo brasileiro, realizaram o primeiro culto protestante no Brasil, precisamente em março deste ano, pelo reverendo Pierre Richier, embora há quem diga que tenha sido também o primeiro culto na América (Pien, 2001).

Seguindo essa sequência cronológica, em 1630, ainda no período colonial, outras vertentes protestantes vieram para o Brasil, dessa vez por meio da influência holandesa na ocupação do país. A igreja reformada holandesa instalou-se em Recife- Pernambuco, e a sua expansão permitiu com que fundassem a primeira Igreja Protestante no Brasil, que chegou a ter 50 pastores praticantes na época. Após se estabelecerem, chegaram a fundar, na época, um total de 22 igrejas em todo o Nordeste brasileiro (Leonard, 1953).

Durante o período monárquico, a instituição protestante também se fez presente em solo brasileiro, vieram novas instituições protestantes, sendo que agora de origem anglicana, por conta da aproximação britânica e germânica e da influência desses Estados no território brasileiro (Pien, 2001), precisamente chegaram ao país em 181, instalaram-se no Rio De Janeiro, capital do império na época. Embora essas igrejas protestantes tenham sido liberadas para fazerem seus cultos, elas se viam ofuscadas por conta da constituição imperial, que reconhecia a igreja católica como religião oficial (Pien, 2001).

Foi durante o império, na cidade do Rio de Janeiro, que também surgiu a primeira igreja evangélica brasileira, reconhecida pela constituição do império em 11 de setembro de

1879. A igreja foi fundada por Miguel Vieira Ferreira, um matemático e engenheiro, nascido no Maranhão, o qual teve presença marcante na igreja presbiteriana (Leonard, 1953).

A partir dos exemplos citados acima, chegamos ao final do século XIX e início do século XX com a consolidação do protestantismo no país, e a partir dessa ordem cronológica, difundiram-se no território muitas igrejas de denominação evangélica. Contudo, houve nesse contexto algumas qualificações distintas no interior dessas igrejas, que são elas as denominações pentecostais e neopentecostais, tendo cada uma dessas características peculiares, em decorrência do modo como elas interpretam e vivenciam a leitura bíblica. No caso das igrejas pentecostais, assim denominadas, são instituições frutos da primeira e segunda geração de igrejas evangélicas, que a princípio, tem como particularidade uma estrutura mais conservadora, detendo-se a questões de padrões de roupas, costumes e sanções à televisão, entre outros. As instituições neopentecostais são aquelas igrejas pertencentes a uma terceira geração, diferentes das gerações anteriores, os neopentecostais se caracterizam no geral, por não se deterem a questões de roupas e padrões de comportamentos tão rígidos, eles visam o crescimento financeiro associado ao espiritual, em que acreditam haver uma luta constante entre o bem e o mal, entre Deus e o demônio, cuja pobreza é “coisa” de demônios e a prosperidade é sinônimo da presença de Deus. Esse movimento (neopentecostal) começou na década de 70, cuja vertente hoje mais expressiva tanto na mídia como em número de membros, é a igreja Universal, como será detalhada mais adiante.

No Brasil, a congregação cristã deu margem para a consolidação das igrejas de cunho protestante. Fundada por Louis Francescon, em Abril de 1910, a congregação Cristã se firmou no Estado do Paraná. Após a fundação desta, dentro do mesmo período, sendo que em outra região do país, surge mais uma das maiores vertentes evangélicas hoje e também um dos focos deste trabalho, a igreja Assembleia de Deus; vinda por intermédio dos missionários suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg, que após um longo percurso pela América, aportaram em Belém do Pará em Novembro de 1910. No ano seguinte, fundaram na mesma cidade a igreja Assembleia de Deus (Corten, 1996).

De forma mais detalhada vou pontuar a seguir um pouco sobre cada uma dessas igrejas, alvo do presente trabalho, sendo elas: Assembleia de Deus (A), Universal(B) e Igreja do evangelho Quadrangular(C). Todas as informações aqui descritas têm por base um levantamento bibliográfico, bem como informações obtidas por meio dos interlocutores desse trabalho (homossexuais membros dessas instituições), como também, por meio de experiência empírica durante cinco anos de frequência, como membro da igreja Universal.

Assembleia de Deus

Tradicionalmente tida como igreja pentecostal, a Assembleia de Deus surge da atuação de dois missionários suecos, originários da igreja Batista, na América, no qual após um longo percurso chegaram na Amazônia, precisamente em Belém em 1910, e no ano seguinte, mais adaptados ao território paraense, fundaram a então igreja Assembleia de Deus (Corten, 1996). Após a sua fundação, a igreja se expandiu por boa parte do território brasileiro, sendo sua

concentração maior no norte e nordeste do país, atingindo e agregando pessoas principalmente da classe mais pobre. Com o trabalho missionário, iniciado logo cedo, em 1913, não demorou para a igreja enviar seu primeiro missionário para fora do território brasileiro, em direção à Europa.

Hoje a assembleia de Deus tem uma das maiores expressões de fiéis no Brasil, em específico no Estado do Pará (Jacob et al., 2013), porém o que chama atenção são as práticas doutrinárias da mesma. Segundo informado pelos interlocutores desta pesquisa, a Assembleia de Deus nos últimos tempos vem passando por uma pequena flexibilização doutrinária, entretanto, durante anos sustentou uma estrutura de controle social muito rígida, principalmente intervindo nas relações privadas de seus membros. Em sua doutrina, a assembleia de Deus adota algumas práticas presentes nas instituições neopentecostais, como a crença num Deus subsistente em três pessoas: Pai, filho e espírito santo. Além disso, faz parte de suas doutrinas o uso constante da bíblia sagrada, do arrependimento e da aceitação de Cristo como meio para obter a salvação eterna, da prática do batismo nas águas como forma de limpeza e purificação da alma, do “falar em línguas”, da prática periódica de santa ceia como forma de renovar e de vivificar o sacrifício de Jesus, bem como no batismo no espírito santo e nos dons a este atribuído (Mateus 7:22,23). Assim como a maioria dos cristãos, os assembleianos creem na segunda vinda de cristo, como também o arrebatamento e a grande tribulação, como um fragmento encontrado no site da instituição.

Funcionando atualmente durante toda a semana, mas em especial aos domingos, por conta da escola dominical, hoje a Assembleia de Deus é composta por grupos de jovens, crianças, senhoras, musical, coral e coreográfico. Além da atuação das atividades internas da igreja, eventos externos são promovidos as suas dependências, tais como: pregações em ruas, praças e cultos ao ar livre. Acreditando piamente na ideia de salvação após a aceitação de cristo como seu único salvador (Lucas, 24:27), a igreja promove tais eventos tendo por finalidade a evangelização, assim como a conversão de novos fieis, que podem se dá nesses eventos abertos à comunidade, nos quais através de sua manifestação voluntária, qualquer pessoa pode aderir ao processo de conversão, aceitação de Cristo e salvação. Vendo na igreja e na sua missão como corpo de Cristo e agente de evangelização (Hebreus 12:23).

Hoje aos 107 anos de existência e presente em vários países, a Assembleia de Deus possui um total estimado 12 milhões de membros só no Brasil, de acordo com senso do IBGE de 2010. Embora tenha sido fundada em Belém, seu Centro Geral de Conversão (CGADB) está situado no Rio de Janeiro, que é considerada o tronco da entidade e principal organizador da mesma, além de fazer parte também das dependências da instituição, a Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD), órgão esse responsável pelas publicações de toda igreja.

Atualmente, em Belém, a igreja assembleia de Deus tem como principal referência de gestão e centro administrativo da instituição, o chamado “templo mãe”, igreja localizada na Av. Governador Jose Malcher, no bairro de Nazaré, que entre outras funções, agrega também um acervo histórico da própria. Hodiernamente a assembleia de Deus tem como presidente o pastor Samuel Câmara, nascido no Estado do Acre e formado em filosofia, pedagogia e direito.

Igreja Universal

Fundada em 9 de Julho de 1977, por Edir Macedo e seu cunhado Romildo Ribeiro Soares, a igreja universal se consolidou como uma das maiores instituições em número de templos e membros no Brasil atual. Denominada neopentecostal, a igreja tem hoje como sede principal o templo de Salomão, um amplo e monumental prédio situado na cidade de São Paulo, apesar de, em seus primeiros passos, ainda no ano de 1977, suas atividades tenham sido iniciadas em uma antiga capela funerária no bairro da Abolição no Rio de Janeiro.

Embora a igreja tenha iniciado muito recentemente suas atividades no Brasil, sua expansão foi astronômica pelo mundo, incluindo catedrais e tempos sedes, e se contextualizada para fora do Brasil, a igreja hoje está presente em aproximadamente 105 países.

Hoje, a Universal detém 5.500 templos em todo o Brasil, distribuídos em 2.319 cidades. Os seis estados onde a Universal está mais presente são: Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Bahia, Rio Grande do Sul e Paraná, ou seja, sobretudo na região sudeste e sul. (Oro; Tadvald, 2015, p. 15).

A igreja atua com reuniões de domingo a domingo, conforme apresenta a tabela abaixo, sendo um tipo de culto específico para cada dia da semana, informação essa que tenho por base empírica, tanto por ser ex-membro (frequência essa que se deu nos anos de 2001 a 2006), como por pesquisa de observação.

Quadro 1: Reuniões da Igreja Universal.

Dias da semana	Reunião ou culto	Especificidade
Segunda	Reunião da prosperidade	Problemas financeiros
Terça	Descarrego	Voltado para cura de enfermidades
Quarta	Filho de Deus	Busca do batismo no espírito santo
Quinta	Reunião da terapia do amor	Problemas familiares e amorosos
Sexta	Libertação	Busca da libertação espiritual
Sábado	Grupo Jovem e Jejum das causas impossíveis	Jovens e problemas extremos: justiça, desemprego, doenças graves e etc.

Domingo	Reunião do encontro com Deus	Busca do espírito Santo
---------	------------------------------	-------------------------

Fonte: Informação confirmada por meio do site: <http://www.universal.org/reunioe>
HYPERLINK "http://www.universal.org/reunioes"s.

O corpo interno da igreja é dividido em: pastor principal (em alguns casos bispo), pastores auxiliares, obreiros, grupo de evangelização, grupo jovem e membros. É importante frisar que essa divisão se mantém em qualquer igreja universal, seja onde for que elas se instalem.

Hoje a igreja conta com um grande espaço na mídia de ampla expansão. Fazem parte das dependências da igreja Universal os seguintes veículos: Folha Universal, Rede Aleluia (rádio AM e FM), TV Record, revista “plenitude” e “Obreiro de fé e mão amiga”, gravadora LineRecord, portal universal.org e TV Universal. Essa mídia foi fundamental para amplitude da comunicação da Universal desde o seu surgimento. As emissoras de rádio e de TV, os veículos de mídia em geral, exerceriam um papel decisivo na difusão da mensagem de fé.” (Macedo, 2013, p. 21).

A igreja objetiva atender todas as demandas de problemas sociais, contudo a sua doutrina é pautada principalmente na atuação da fé, como princípio norteador para solucionar todos os problemas, a exemplo de casos mencionados na Bíblia, como: Abraão, Davi, Gideão entre outros, que agiram pela fé e obtiveram um milagre. Assim a igreja pontua, como principal solucionador dos problemas cotidianos, o exercício da fé por meio de um sacrifício, que resulta em um milagre ou em transformações sociais. Além da igreja está pautada nessas temáticas, enquanto instituição protestante, a mesma faz uso da teoria da Salvação, sendo um exercício contínuo de renovação, além de adotar a santa ceia, como forma simbólica de fortalecer a aliança com Deus. Durante os cultos (grupos) se constrói o pensamento do exercício da fé, como forma de se manter a felicidade em equilíbrio, bem como a salvação, sendo colocado em pauta nas reuniões, a participação constante em campanhas financeiras promovidas pela igreja, também denominadas campanhas de fé, além dos dízimos e das ofertas, que são pedidos rotineiramente.

Igreja do Evangelho Quadrangular

De orientação pentecostal e fundada nos EUA em 1923, a igreja do Evangelho Quadrangular surge da iniciativa de Aimée Semple McPherson, conhecida também como irmã Aimée, de origem Canadense, a mesma deu início aos trabalhos evangelistas dessa denominação (quadrangular), cujo centro de operações e todo o processo de fundação se deram na cidade de Los Angeles. Sua fundadora era conhecida por fazer parte das colunas sociais da época, e por quase sempre se fazer presente ao lado de grandes autoridades e celebridades norte-americanas. De uma estrutura organizacional eclesial, a IEQ é episcopal sendo hierarquizada em suas funções internas (Pien, 2001).

A imagem que representa a igreja possui 4 símbolos, cujo significado consiste em: 1º Jesus Cristo o salvador; 2º O batizador com Espírito Santo; 3º Médico dos médicos; 4º o Rei que há de vir. Os quatro elementos simbolizam a crença e o lema da instituição IEQ, tendo por referência os escritos bíblicos dos quais fazem constantemente uso. Conforme já percebido mais acima, essa crença nos quatro elementos que norteiam a fé e o pensamento cristão protestante, está presente nas outras instituições mencionadas nesse trabalho (Universal e Assembleia de Deus). No Brasil, a IEQ teve sua primeira fundação ocorrida em Novembro de 1951 na cidade de São João da Boa Vista-SP, por meio do missionário pastor Harold Edwin Williams, sendo auxiliado pelo pastor Jesus Hermiro Vasquez Ramos, cujo primeiro foi natural dos Estados Unidos da América e o segundo do Peru (Leonard, 1953).

Após a estruturação da primeira IEQ, a instituição veio para capital São Paulo, e já na década de 60, sob a liderança do Pastor George Russell, a instituição estabeleceu como meta a expansão por todo o Estado, e consequentemente nos anos seguintes pelo Brasil. Hoje, no Brasil, a Igreja tem presença em todos os Estados, inclusive no Pará, e no último censo de 2010, o IBGE constatou que no Estado do Pará, a Igreja tem um dos maiores números de membros e de espaços físicos entre as igrejas protestantes que então habitam. De acordo com o censo demográfico do IBGE de 2010, cerca de 74% do público evangélico da IEQ, na região Norte, estão situados no Estado do Pará, sendo esse Estado o que possui a maior população da IEQ entre os 7 estados que compõe a região, refletindo esses números diretamente no Brasil. Logo o Pará se destaca entre os Estados que mais possui membros dessa vertente evangélica.

Hoje a igreja funciona com reuniões de terça a quinta, nos horários da manhã e da tarde, de terça a domingo, de acordo com informação confirmada por um dos interlocutores desta pesquisa. A igreja possui reuniões programadas, tendo funções de atendimento espiritual específico, mesmo que algumas vertentes da instituição façam programações e reuniões diversificadas nos quais depende da localização, demanda e condições estruturais onde a mesma se situa.

Uma das doutrinas praticadas pela igreja é a constante aproximação com a produção cultural não evangélica, alguns ritmos locais são adaptados às canções e às composições gospel. Outro detalhe, enquanto doutrina da IEQ, é adoção das chamadas “células”; que são pequenos encontros religiosos entre membros, feito dentro de uma residência, isto é, externo a igreja e suas programações oficiais. A célula tem a função de aproximar os membros e criar um ambiente mais próximo à igreja no âmbito domiciliar e entre as comunidades, no geral são programadas por um dos membros que convida os demais para o encontro em sua residência, assim podendo fazer parte da célula quem é convidado, como também pessoas externas à igreja, ou seja, não membros.

O fato é que, no Brasil, as igrejas protestantes foram ampliando e cresceram com o passar do tempo, mesmo diante da predominância do catolicismo. Aos poucos, essa difusão foi criando influência nos meios de comunicação e principalmente na política. Hoje, de acordo com diagnóstico feito pelo próprio IBGE, as instituições evangélicas aumentaram em número de fieis consideravelmente. A tabela a baixo menciona com certo detalhe, o crescimento populacional do público evangélico no Brasil. Tal crescimento toma por base os anos 1890 a 2010, no qual é notório que há um salto percentual principalmente dos anos 1991 a 2000.

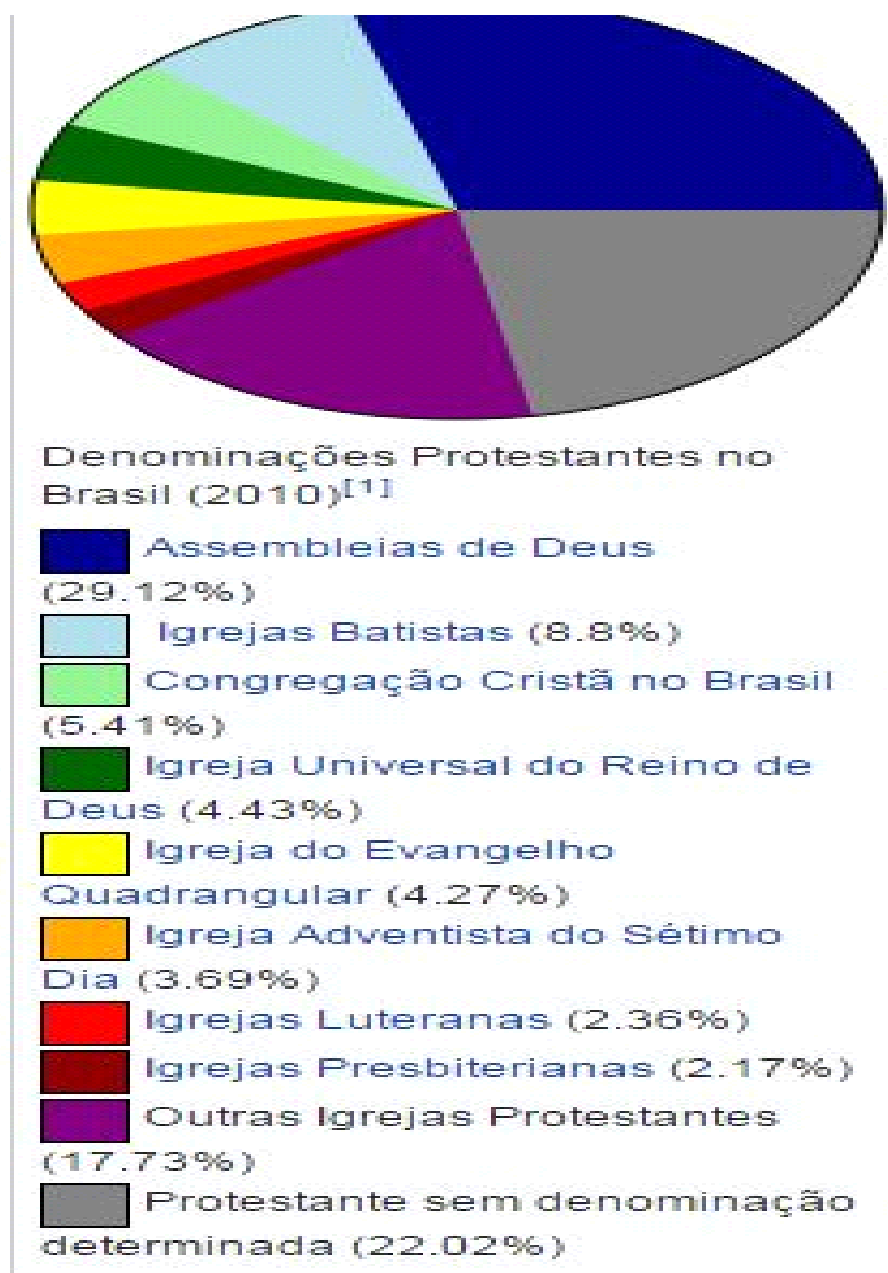
Figura 1: Crescimento populacional do público evangélico no Brasil.

Período	População Brasil	Crescimento	Evangélicos	Porcentagem	Crescimento
1890	14.333.915	-	143.743	1%	-
1940	41.236.315	287,68%	1.074.857	2,61%	648,00%
1950	51.944.397	25,97%	1.741.430	3,35%	62,02%
1960	70.191.370	35,13%	2.824.775	4,02%	62,21%
1970	93.139.037	32,69%	4.814.728	5,17%	70,45%
1980	119.002.706	27,77%	7.885.846	6,63%	63,79%
1991	146.825.425	23,38%	13.189.284	8,98%	67,25%
2000	169.779.170	15,63%	26.184.941	15,42%	98,53%
2010	192.000.000	13,09%	36.480.000	19%	39,32%
Fonte IBGE - autoria da tabela: João Cruzué / Blog Olhar Cristão - abril. 2009					

Fonte: IBGE, 2009.

A terceira coluna vertical marca o crescimento populacional no Brasil, porém o que a tabela deixa evidente também é que conforme a população brasileira cresce, o público evangélico também aumenta. As igrejas evangélicas mencionadas neste trabalho ganham destaque principalmente por conta do crescimento apresentado entre as demais instituições no Brasil, tanto em número de membros quanto em números de igrejas. Essa verticalização do público evangélico tem sido consideravelmente expressivo, conforme dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), os quais mostram que no período de 2000 e 2010 cresceu 39,32 %. Enquanto em 2000, o número de evangélicos no país era de 26,2 milhões de pessoas, equivalente a 15,4% da população; em 2010, o número pulou para 36.480.00, ou seja, 19 % dos religiosos brasileiros. O gráfico a seguir, obtido por meio do IBGE, mostra com mais detalhe esse crescimento.

Gráfico 1: Demonstrativo do crescimento da população evangélica no Brasil.



Fonte: Sítio do IBGE-2010.

Como é possível perceber, o quadro acima aponta para o crescimento vertiginoso das igrejas evangélicas, sobretudo nas camadas mais populares, ganhando destaque no trabalho em questão as Igrejas: Universal, Quadrangular e Assembleia. Entretanto, o que trago em evidência é o que essas três instituições têm em comum. Elas seguem suas expansões tendo como discurso convergente a afirmação do papel de defensoras da moral e dos bons costumes, bem com discurso contrário a permanência da homossexualidade, mas, mesmo assim, como procuramos antes de tudo mostrar aqui, há homossexuais que resistem a esses discursos e acabam por se inserirem no contexto religioso dessas instituições. É importante destacar que, a subjetividade

dos interlocutores dessa pesquisa (homossexuais), acabam sofrendo influência dos discursos proferidos pelas igrejas as quais frequentam, a exemplo no que se refere ao conceito de moral, sendo as noções e ideias de moral desses homossexuais, semelhante ao que afirmam essas igrejas, influenciando o ponto de vista desses sujeitos em suas relações sociais, mesmo fora das instituições, tornando-se, como diz Alexandre Werneck, uma espécie de dispositivo moral, que involuntariamente aciona o sujeito em qualquer situação, delimitando-o a pensar o que pode ou não, o que está na condição de certo ou errado, moral ou imoral (Werneck, 2014).

Igrejas evangélicas e homossexualidade

Embora as instituições evangélicas sejam de origem pentecostal ou neopentecostal, propaguem o discurso do: “vinde a mim todos que estão cansados e sobrecarregados”, ainda assim, essas igrejas se mantêm com uma estrutura conservadoras e com uma base familiar patriarcal, bem como o uso e embasamento constante da bíblia, tendo também a crença no batismo, na teoria da salvação e da cura da libertação com o nome de Jesus. Ademais, possuem a crença na atuação do diabo no desvio da humanidade em a direção a Deus, bem como na aplicação de enfermidade e distúrbios espirituais por este causado (diabo), que levam o ser humano a fugir da “normalidade”, sendo que uma dessas práticas de desvio está a homossexualidade. O radicalismo religioso aí se fundamenta para criar mecanismos e argumentos que refletem no antagonismo sobre qualquer prática homossexual. Segundo essas instituições, a construção moral cristã mantém a sociedade num caminho benéfico e “saúdável” para sua manutenção na terra, bem como para saúde espiritual, embora essa construção moral há tempo vem sendo questionada.

Por “moral” entende-se um conjunto de valores e regras de ação propostas aos indivíduos e aos grupos por intermédio de aparelhos prescritivos diversos, como podem ser a família, as instituições educativas, as igrejas, etc. Acontece dessas regras e valores serem bem explicitamente formulados numa doutrina coerente e num ensinamento explícito. (Foucault, 1984, p. 26).

A doutrina evangélica, que vem sendo identificada como conservadora, adere e mantém a estrutura de uma família patriarcal e heteronormativa como modelo da presença de Deus na humanidade, assim como a obediência à “palavra de Deus”. Nessa perspectiva, a religião evangélica, tanto quanto as demais, age no geral como instituição reguladora dos nossos atos em direcionamento a uma possível salvação, em razão de “obter” o entendimento dos fenômenos que natural e biologicamente não conseguimos explicar, intervindo em toda a relação de vida, incluindo o lidar-se com o corpo. Tendo a maioria dessas instituições a proposta não apenas de intervenção nas ações e comportamentos de pessoas, como também na promoção de cura e eliminação de doenças espirituais e físicas, como nos casos apontados por Alexandre Olievo Gonçalves.

O ministério *Exodus Brasil* se auto apresenta como uma organização cristã de vertente

protestante histórica reformada que busca a *recuperação de homossexuais* a partir de trabalhos de *aconselhamento pastoral e terapias* realizadas por psicólogos ditos cristãos. A Exodus faz parte de uma aliança global interdenominacional⁷ criada no Canadá na década de 1980. (Gonçalves, 2016, p. 5. Grifos do autor).

É no âmbito dessas relações de conservação de uma sociedade “saudável” a “caminho da salvação” e de “limpeza espiritual”, que as instituições aqui mencionadas convergem para alguns atos discriminatórios e de não aceitação em suas dependências, ou seja, de intolerância religiosa, sobre os homossexuais. Ao que percebo, essa rejeição não se limita apenas no âmbito interno das instituições, no cenário político, essa não aceitação se reflete com destino a outras ações. Abarcando nessas discursões, é possível também perceber que nos últimos anos, as demandas religiosas adquiriram fortes influências sobre o Estado, como aponta Christina Vital.

A primeira implicação, a que diria respeito à demanda por igualdade de tratamento do Estado na direção das diferentes religiões, vem à tona, sobretudo, com o crescimento dos evangélicos no espaço público, com destaque para os neopentecostais a partir da década de 1990. (Vital da Cunha, 2013, p. 21).

A notícia de repercussão nacional, como será apresentada a seguir, deixa evidente esse antagonismo protagonizado sob véis religioso.

Figura 2: Reportagem sobre atuação parlamentar evangélica.

18/08/2013 15h49 - Atualizado em 19/08/2013 10h42

Comissão de Direitos Humanos aprova autorização para 'cura gay'

Projeto de lei ainda deve passar por duas comissões na Câmara e Senado. Na sessão, apenas dois militantes se manifestaram contra a aprovação.

Fabiano Costa
Do G1, em Brasília



Sessão da Comissão de Direitos Humanos que aprovou projeto da "cura gay", na Câmara dos Deputados (Foto: Alexandra Martins/Ag. Câmara)

A Comissão de Direitos Humanos da Câmara aprovou nesta terça-feira (18) o projeto de lei que determina o fim da proibição, pelo Conselho Federal de Psicologia, de tratamentos que se propõem a reverter a homossexualidade. A sessão que aprovou a proposta foi presidida pelo deputado Marco Feliciano (PSC-SP), que conseguiu colocá-la em votação após várias semanas de adiamento por causa de protestos e manobras parlamentares contra o projeto.

Fonte: G1. Acesso: 18 de junho de 2013.

Personagem acima (Pastor Marcos Feliciano) é membro da igreja do avivamento, ligada a Assembleia de Deus, cujas prerrogativas se dão sobre o que as outras instituições aqui mencionadas têm em comum, ou seja, a não aceitação aos homossexuais. O projeto acima mencionado veio a ganhar grande repercussão, mas o que vale ressaltar é atuação ostensiva de cunho político acerca da rejeição aos homossexuais. Em momentos posteriores, outro personagem (Silas Malafaia), também deixou claro outras propostas de intervenções políticas na esfera pública, que suscitavam uma atuação nas ações do próprio Estado sobre questões ligadas aos corpos, gênero e sexualidade. Afinando o debate com outras frentes evangélicas que compartilhavam do mesmo pensamento. Tivemos a seguinte política emergir a nível nacional:

Os episódios que se seguiram à distribuição do kit anti-homofobia pelo Ministério da Educação, contendo material que visava trazer orientações a alunos do ensino médio sobre como lidar com colegas LGBT e que foi chamado pelos pentecostais de “kit gay”, serviram para consolidar a divulgação desta nova identidade de crente-cidadão por parte de Silas Malafaia⁶. Após a pressão exercida pela Frente Parlamentar Evangélica, presidida na ocasião pelo deputado João gusmão (PSDB/GO), a presidenta Dilma Rousseff, em seu primeiro ano de governo, suspende a produção e distribuição do material. A estratégia realizada pela Frente incluía ameaças de convocação do então ministro da Casa Civil, Antonio Palocci, para esclarecer as denúncias de multiplicação ilícita de seu patrimônio. (Campos; Gusmão; Maurício Junior, 2015, p. 169).

A permanência de homossexuais só é permitida nesses espaços por meio da abdicação de tal “condição”, para assim ter possibilidade de se enquadrar no cenário que a igreja mais preserva, isto é, a família patriarcal (sendo o pai a principal figura da família). Seria descabível a possibilidade de ver aceitação de uma relação homoafetiva nas dependências dessas instituições, haja vista que a manutenção da família heterossexual é apontado na bíblia: “Portanto, cada um de vocês também ame a sua mulher como a você mesmo, e a mulher trate o marido com todo respeito” (Efésios 5:33). Como também: “Deus os abençoou e lhes disse: ‘sejam férteis e multipliquem-se! Enchem a terra!’” (Gênesis 1:28). Historicamente essas orientações bíblicas nutrem a doutrina evangélica desde o princípio, cuja figura da família torna-se fundamental e possui toda uma relação de construção de valores e morais. Desse modo, no contexto religioso em questão, a heterossexualidade é vista como uma forma de vida padrão e de harmonia social, por se enquadrar no que eles apontam como condição de vida social mutualmente moralizada (Werneck, 2014). O desvio a essa estrutura heterossexual, entende-se não apenas como um pecado, mas como uma desobediência a Deus, bem como a uma quebra no comportamento e superestrutura moral e culturalmente implantada nessas instituições.

Refiro-me à religião, tanto como crença – com a qual os indivíduos são socializados e que engendra um determinado padrão de moralidade – quanto como instituição à qual foram atribuída a disseminação e a cristalização do preconceito e da homofobia. (Araújo, 2016, p. 2).

Porém, para além do exposto acima, quando se trata de homossexual, além de ser visto como desvio ao chamado padrão de família (mencionado acima), “orientado por Deus”, os cristãos evangélicos mantêm de certo uma resistência a tal orientação por conta de outras colocações bíblicas que norteia a abstinência de salvação a tal condição sexual: “Se

também um homem se deitar com outro homem, como se fosse mulher, ambos praticaram coisa abominável; serão mortos; o seu sangue cairá sobre eles” (Levítico 20:13). “Não sabeis que os injustos não herdarão o reino de Deus? Não erreis: nem os fornicadores, nem os idolatras, nem os adúlteros, nem os efeminados, nem os sodomitas, nem os ladrões, nem os avarentos, nem os bêbados, nem os maldizeres, nem os roubadores herdarão o reino de Deus” (I coríntios 6: 9,10).

São essas as justificativas que nutrem a tal aversão aos homossexuais, e que de certo tem sido evidenciado pela mídia, cujo evento alimenta uma doutrina que bloqueou historicamente a permanência de homossexuais em instituições evangélicas, a exemplos das igrejas mencionadas nesse trabalho (Assembleia de Deus, IURD e Quadrangular). Embora no atual momento haja exceções a essa regra, como caso mencionado por Fátima Weiss, e um novo conceito de igreja cristã evangélica, de orientação homossexual, as chamadas “Igrejas inclusivas” (Jesus, 2013).

Além do exemplo acima das igrejas inclusivas, outras religiões também lidam com a homossexualidade sem qualquer forma de repúdio, mostrando um paradoxo ainda num contexto religioso, embora no caso aqui mencionado se detenha a religiões de matriz africana, apontadas por Ruth Landes, cuja fala está presente no livro “Cidade das mulheres”. Nesse caso apontado por Landes, existe a aceitação de homossexuais, inclusive ocupando alta hierarquia dessa vertente religiosa, sem gerar com isso qualquer conflito ou rejeição pelos seus seguidores. Mesmo que nesses casos, os cargos fossem antes predominantemente ocupados por mulheres.

Na comunidade negra na Bahia, no Brasil setentrional, circunstâncias incomuns encorajam certos homossexuais passivos a forjar um novo e respeitado status para si mesmos (...). Contudo, é esta classe que hoje dá líderes nos cultos predominantes (candomblé) da Bahia. (Landes, 1967, p. 284).

É interessante observar, que a rejeição aos homossexuais se dá não pelo ódio a esses sujeitos, mas na opinião dos evangélicos, a homossexualidade está ligada a um caso de doença, no qual esses homens e mulheres estão “sofrendo”.

Considera-se que este *pecado sexual* é perpetrado por indivíduos que têm *diabo no corpo* ou que estão sob influência de pombas-gira e outros exus. Esses argumentos, de teor cosmológico, configuram uma percepção físico-moral da homossexualidade, na qual o pecado abre *brechas* na corporalidade. O demônio instila sensações, movimentos, contrações involuntárias, [...] no momento cabe enfatizar que a luta contra a homossexualidade enseja a participação ritual e processos de purificação na resolução de um *problema espiritual*. (Natividade, 2006, p. 4. Grifos do autor).

A inserção de homossexuais não é proibida, porém a permanência nessa condição sim, pois a proposta de sua frequência deve se dá pela cura a esse “mal”, pois a mesma é vista como resultante de uma desestrutura familiar, sendo recorrente a problemas espirituais e de identidades (Natividade, 2006).

Reflexões teóricas sobre homossexuais e igrejas evangélicas

Uns procuram legitimidade para suas opiniões, reivindicando a “objetividade” da ciência, outros invocam a autoridade de Deus (e é curioso notar que um único deus pode legitimar tantas diferentes formas de encarar a homossexualidade), enquanto os movimentos homossexuais invocam a legitimidade de representação de uma minoria oprimida. (Fry; Macrae, 1985, p. 14).

É possível se constatar que a homossexualidade esteve presente em diversos contextos da vida do ser humano, porém quase sempre foram invisibilizados, principalmente quando houve (e ainda há) a necessidade de se reforçar a identidade e o papel do “macho” nas estruturas sociais. Essas estruturas heteronormativas, segundo Judith Butler (2003), são oriundas da ficção binária acerca do sexo, macho e fêmea, sob um determinismo biológico (pênis-macho-homem/vagina-mulher-fêmea). Construindo, assim, uma diferente identidade social entre papéis que assumem e reproduzem homens e mulheres.

O autorreconhecimento enquanto homossexual, pelo que percebo por experiência empírica, bem como pelos discursos dos interlocutores desse trabalho, quase sempre foi um grande desafio para qualquer sujeito que a este grupo pertença, pois não é uma tarefa fácil, se pensarmos nos mecanismos de repressão social mantidos historicamente em nossa sociedade. Entre um dos fatores que contribuem para isso são as instituições, que no geral são a base da formação e inserção do sujeito na sociedade (escola, família, igreja e etc.). A prova disso, bem como dos mecanismos aqui citados, podem ser enxergados por meio da atuação dos evangélicos sobre o Estado, assim como a luta pela intervenção na esfera pública, como infere Christina Vital.

O pastor esclarece que não é a igreja ou os evangélicos que precisariam da política, argumento comumente articulado pelos seus críticos e por pesquisadores, para obterem concessões públicas de rádio e TV, para o fortalecimento de suas denominações, para a realização de shows e eventos evangélicos, tais como a Marcha para Jesus. Na leitura que Malafaia faz e apresenta aos interessados em escutar a sua mensagem, seria a sociedade brasileira que precisaria dos evangélicos para barrar o avanço do que seria lido como as forças do mal sobre os cidadãos. (Vital da Cunha, 2013, p. 22).

A adolescência enquanto fase de maior propensão para descobertas da vida sexual, não que antes dessa fase não houvesse, traz consigo muitas experiências homossexuais vividas por meninos e meninas, porém tais experiências não apagam atos de repulsa e discriminação aos homossexuais. Mantendo assim, um estereótipo do homossexual como estranho ao que normalmente é imposto e deduzido como natural ao ciclo da vida.

Era na tensão com os pais, nos comentários e nas relações de outros familiares, de colegas da escola, de pessoas conhecidas na aldeia ou na cidade, na convivência com um grupo de pares e nas relações eróticas/ e ou afetivas com as pessoas do mesmo sexo – as quais poderiam ser um primo, um tio, um vizinho, geralmente mais velho – que se dava a percepção de uma sexualidade não heteronormada. (Araújo, 2016, p. 13-14).

Não considerando com isso que tal prática homossexual esteve presente em algum momento da descoberta da sexualidade de muitos homens e mulheres. Observa-se o desconhecimento que o homem faz de suas próprias experiências, que de certo modo ajudaram

no seu amadurecimento sexual, e que, todavia, deveriam ajudá-lo a compreender a diversidade sexual existente no mundo.

O sujeito é percebido e se percebe como uma mônada inteligível em si mesma e com realidade anterior a qualquer outra, o que significa dizer que possui um estatuto de precedência lógico-valorativa sobre qualquer relação social. (Heilborn, 2004, p. 25).

Como constatado por outros campos de conhecimento, bem como afirmado pelos interlocutores dessa pesquisa durante o meu trabalho de campo, a homossexualidade não se trata de uma opção, mas tanto pode ser permanente em um sujeito, como também pode estar presente apenas em uma etapa de descoberta da sua vida sexual, a exemplo do que ocorre com muitos jovens na fase da puberdade.

Espaços públicos e espaços de diversidade entre homossexuais

Ao falar de homossexuais, é importante mencionar que ao longo do tempo muitas foram as ações de exclusão, segregação e discriminação a esse público, tanto nacional quanto regionalmente. Criando com isso uma ideia específica ao se falar de espaço para eles, que são esses: *espaços públicos* e *espaços de diversidade*. O primeiro está relacionado a todos os lugares de frequência comum a toda e qualquer tipo de pessoa, que no geral os homossexuais sempre sofreram e ainda sofrem nesses lugares repressões sociais. O segundo são espaços construídos sobre lógica de atender ao público homossexual e afins. Para o público homossexual, as suas relações íntimas, de namoro, de paquera entre outros, são realizados nos *espaços de diversidade*, lugares geralmente reservados e com pouca visibilidade nos contextos urbanos, também denominados de *guetos da sexualidade*, e, no contexto de Belém- PA, essa realidade não é diferente, como afirma antropólogo Ramon Reis (2012), ou seja, suas emoções e relações são no geral invisibilizadas no âmbito social.

A dicotomia sobre o conceito de espaço para homossexuais é um dos fatores peculiares com que esse grupo vem lidando ao longo do tempo, que os tornaram protagonistas de ações de resistência, bem como de atenção para muitos antropólogos. A maioria desses espaços apontados e estudados por vários antropólogos, em sua maioria, não são espaços religiosos, uma vez que a atuação de homossexuais em frentes religiosas tem se dado de forma muito tímida. Como consequência dessa realidade homossexual, há a necessidade, em muitas cidades e capitais, de expandirem movimentos e espaços voltados ao público de diversidade. Quando o recorte é Belém, essa realidade não é diferente, como apontou o antropólogo Milton Riberio, que contabilizou para sua pesquisa de mestrado em 2012, cerca de seis boates e espaços de sociabilidade nesta cidade, sendo estes: Malícia, Lux, Hache, Rainbow, Vênus e R4 Point, e dois bares também de frequência do mesmo público: Bar da Ângela e Veneza; além de duas saunas e um “cinema de pegação” (Silva Filho, 2012).

As várias formas de violência aos homossexuais ao longo do tempo, quase sempre foram justificadas, não somente pela noção cristã de pecado, mas também pelo conceito de

homem heteronormativo, como promovedor das principais ações do mundo, tanto dentro quanto fora de casa. Sua ação de dominação imposta em uma relação patriarcal foi quase sempre enxergada como normal, ao ponto em que algo que se desvie a esse fator preponderante seria visto como um insulto à masculinidade.

A divisão entre os sexos parece estar "na ordem das coisas", como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável: ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas (na casa, por exemplo, cujas partes são todas "sexuadas"), em todo o mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e nos habitus dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação. (Bourdieu, 2012, p. 17).

Ainda no que aponta Landes, ao se falar do público homossexual, não é possível relacionar diretamente a um grupo homogêneo. As distinções entre eles existem, e essas distinções fazem parte do mote em que cada sujeito se insere ou precisa se adaptar, seja por conveniência seja por necessidade de sobrevivência, isto é, no modo como lidam com as imposições, hierarquias e contextos sociais.

A homossexualidade masculina ocorre com muita frequência, mas o ponto em que se torna um problema social varia com as atitudes que diferentes culturas tomam em relação a ela. Uma dessas atitudes especiais é que distingue rigorosamente entre ativo e passivo. Um ou outro pode ser objeto de vigorosa condenação social e, em consequência, viver como um proscrito, enquanto ao outro se reconhece um papel na sociedade. (Landes, 1967, p. 283).

Ainda que haja historicamente uma rejeição sobre os homossexuais masculinos e femininos, ambos sempre estiveram presentes em nossa sociedade, contudo quase sempre invisibilizados, principalmente quando um país ou cultura, seja ela qual for, renda-se ou submeta-se a doutrinas e aos dogmas do cristianismo, a exemplo do Brasil.

Nas sociedades industrializada, como é o caso da sociedade brasileira, existem vários "papeis homossexuais" variando de religião para religião e de segmento social para segmento social. Além disso, estes "papeis homossexuais" se transformam ao longo do tempo paralelamente a outras transformações sociais. (Fry; Macrae, 1985, p. 12).

O trabalho em questão enfatiza, antes de tudo, o quanto nossa sociedade se mantém despercebidas a complexidade existente no universo homossexual, tal complexidade no que tange a espiritualidade não é diferente.

Outro fator importante a se ter em conta quando vemos a relação entre religião e sexo com pessoas do mesmo gênero, é que a persona homossexual é, até certo ponto, uma construção contemporânea. O próprio conceito de homossexual só foi inventado no século XIX. Sexo entre pessoas do mesmo gênero é algo que sempre existiu, mas nem sempre a sexualidade intergênero foi vista como um fator de identidade, como é o caso da sociedade ocidental hoje. (Endjso, 2014, p. 154).

Quando faço a proposta de analisar o fenômeno da frequência de homossexuais em espaços religiosos evangélicos, deixo evidente a importância de apontar para uma questão identificada pelos sujeitos homossexuais dispostos nesse trabalho. De acordo com a tabela

apresentada mais adiante, os interlocutores em questão, mediante as suas frequências nas referidas instituições, puderam esclarecer que reconhecem uma resistência a eles construída nesses espaços, porém a ida deles em igrejas evangélicas não se dá por acaso, pois confirmam antes de tudo que há uma necessidade pessoal e espiritual, que giram em torno de problemáticas vividas no âmbito social como um todo, conduzindo os mesmos a se fazerem presentes nesses espaços. Os mesmos firmam que tiveram a iniciativa de frequentar essas igrejas, tanto por influência de amigos como de familiares.

Os seis personagens que aqui aponto, concederam entrevistas em trabalho de campo nos anos de 2016 e 2017 e estão presentes em igrejas evangélicas até o dia de hoje. Conforme informação apresentada na tabela abaixo:

Quadro 2: Quadro sinóptico referente aos interlocutores.

Pseudonome/ interlocutores	Idade	Igreja Frequentada	Sexo	Tempo de igreja
Azevedo	22	Universal	Masculino	6 anos
Jhon	22	Assembleia de Deus	Masculino	Desde a infância
Laí	36	Universal	Feminino	Desde a infância
Nazo	32	Quadrangular	Masculino	8 anos
Oliveira	19	Assembleia de Deus	Masculino	10 anos
Mendes	39	Quadrangular	Masculino	16 anos

Fonte: Aviz, 2016 e 2017.

O bem-estar desses sujeitos (homossexuais) nesses ambientes religiosos, não significa que eles venham a ser bem recebidos ou aceitos, mas para que essa frequência seja possível, é necessário que eles criem subterfúgios dentro das instituições, que vim a traduzir como

“invisibilidade religiosa”, ou seja, mecanismo de “blindagem social”, fazendo uso de acessórios e vestimentas específicas da rotina dos outros membros da igreja. Todos esses rituais são reproduzidos a fim de que possam passar despercebidos enquanto homossexuais. Os mesmos frequentam e em alguns casos forjam um comportamento heterossexual dentro desses estabelecimentos para não serem identificados enquanto destoante à cultura religiosa ali reproduzida. Esse desdobramento se dá pelo plano da normalidade no qual eles percebem que se estabelece sobre a condição de heterossexual, homem e mulher, ou seja, enquanto homossexuais, eles veem a necessidade de todo esse subterfugio, para estarem nas igrejas sem serem percebidos, no que podemos também chamar de uma condição “dentro do armário”.

Mesmo num nível individual, até entre as pessoas mais assumidamente gays há pouquíssimas que não estejam no armário com alguém que seja pessoal, econômica ou institucionalmente importante para elas. Além disso, a elasticidade mortífera da presunção heterossexista significa que, como Wendy em Peter Pan, as pessoas encontram novos muros que surgem à volta delas até quando cochilam. (Sedgwick, 2007, p. 22).

As formas de invisibilidades construídas pelos interlocutores nas igrejas em questão, mostra-se necessários por conta do contexto por eles observados e percebido nessas instituições, porém, impressiona que mesmo diante do cenário de rejeição, há por parte deles uma constante afirmação quanto a sensação de bem estar oriundo a essa frequencia, o que os motivam a permanecerem: “Os gays também oram, pois nós também temos fé e acreditamos em Deus como todos os outros...” (Azevedo, entrevista concedida em 2017).

Por meio de uso de acessórios e caracterizações de aproximação evangélica, os homossexuais foco deste trabalho fazem uso de uma certa indumentária, que torna possível e “discreta” as frequências nesses espaços, sem sofrerem qualquer sansão ou intolerância. Ao aderirem a todo o sistema simbólico e material dessas igrejas, acabam por passarem despercebidos enquanto homossexuais, como mostra o relato do interlocutor da presente pesquisa abaixo, que vive nos dias de hoje essa realidade.

Eu não preciso dizer que sou gay, uma vez que a minha vestimenta corresponde a qualquer um que está ali, e eu procuro ser discreto, e não agir de uma maneira em que eles possam me vê como gay, por isso, tudo fica “normal”, e eu continuo frequentando a minha igreja, pois me sinto bem, e sei que Deus não faz distinção do homem, mas quem o faz é o próprio homem de si. (Nazo, entrevista concedida em setembro de 2016).

As coisas ganham suas devidas representações conforme postas em determinado contexto, passando a fazer parte de toda uma representação simbólica, sendo os seus usos normais ou não a um grupo. Um exemplo disso é o que vemos nos grupos denominados evangélicos em Belém, no qual suas vestimentas e acessórios, usados dentro e fora da igreja, estão diretamente associados a sua relação moral e de afirmação do seu espaço na sociedade. Do uso constante da bíblia à vestimenta, tudo é pensado com muita cautela, afinal, segundo análise empírica, as roupas e acessórios representam a própria presença de Deus na vida de sujeito que se denomina evangélico. Pesando nisso, não obstante, os homossexuais que entram nessas instituições aderem ao uso da indumentária evangélica para somente não serem

percebidos, como também serem aceitos e acolhidos, mesmo diante dos bloqueios a eles criados.

Contando que eu reproduza, todo o comportamento dos demais membros, posso ir a igreja e fazer a minha oração, sem que haja qualquer problema com isso. (Jhon, entrevista concedida em Junho 2017).

A imagem a seguir retrata o diferencial dessa dupla forma de se vestir, e que facilita consequentemente ao adentrar as instituições evangélicas- pentecostais e neopentecostais.

Figura 3: Interlocutor Nazo. Imagem obtida em pesquisa de campo.



Fonte: Aviz, 2017.

A imagem apresentada acima corresponde ao um dos interlocutores da pesquisa, que autorizou o uso dele em conversa gravada no ano de 2016. Na primeira imagem, da esquerda para direita, o interlocutor Nazo (que preferiu ser chamado assim), usa uma roupa descolada, típica de finais de semana, ou quando sai para qualquer outro espaço de diversão (cinema, praça, lanchonete etc.); na segunda imagem, a sua vestimenta e o uso da bíblia na mão esquerda são específicos para ir à igreja, no seu caso a IEQ.

Os objetos e acessórios criam nesse sentido uma representação, que para os homossexuais torna-se essencial o seu uso, que condiciona tal frequência sem serem identificados como tais. Assim a indumentária, nesse contexto, bem como em tantos outros, não é algo superficial, mas um reforço à representação identitária de um grupo de pessoas, bem como sua cultura, sendo uma marca diferenciadora entre esses e os demais, ou para quem está dentro ou fora de um contexto, como foi apontado também no trabalho de Mylene Mizrahi, em seu artigo publicado em 2007, nos quais afirma ser a indumentária um mecanismo de identificação social. Mesmo que o seu trabalho tenha sido sobre recorte de um baile funk, é possível sustentar que ambos os gêneros se utilizam de uma estética igualmente híbrida e transgressora, de modo a afirmar um mesmo posicionamento ambíguo perante o “mundo

oficial” (Mizrahi, 2007, p. 255).

É perceptível que a frequência em igreja evangélica, e sua eficiência quanto a transformação da vida individual e social de um sujeito, torna-se marca dos discursos de membros que ali se fazem presentes. As mudanças ocorridas enquanto resultado de vida expressam uma necessidade, bem como motivam a permanência e a frequência de indivíduos em tal estabelecimento religioso. Fator esse que se encontra presente também nos discursos dos homossexuais, e torna-se uma marca diferencial enquanto sujeito que se auto identifica como gay ou lésbica. Portanto, motivo a mais para que eles se detenham e permaneçam frequentes nesses espaços e não em outros.

Há situações problemáticas, que suscitam uma manifestação de fé, e isso nos colocam em uma condição de agir, ou agir, e é aí que entra o papel da igreja, em nos conduzir a manifestar a fé no verdadeiro Deus. E uma coisa é certa, Deus responde a todos aqueles que nele acreditam e que lançam sua fé e toda sua vida nas mãos dele... (AZEVEDO, entrevista concedida em Julho de 2017).

É curioso notar que as igrejas- seja ela Universal, Quadrangular, ou Assembleia- são vistas como espaços conservadores da religião protestante, o que no geral reproduzem a repulsa aos homossexuais e a muitas outras coisas da vida mundana, porém mesmo diante desse cenário de rejeição, promove, conforme podemos notar, nesses homossexuais, um “bem estar” capaz de motivá-los a uma relação de sociabilidade com esses espaços, e que se reproduz no modo como esses sujeitos enxergam o mundo e também como se comportam. Na opinião desses interlocutores, nada os impede de frequentar esses espaços religiosos, uma vez que eles se sentem bem nessas instituições, ou mesmo, não há necessidade deles se distanciarem de Deus por conta da homossexualidade, uma vez que Deus não faz acepções de pessoas. “Vinde a mim todos vós que estais casados e sobrecarregados e eu vos aliviarei” (Mateus 11: 28).

É estranho imaginar, em primeiro momento, que o mesmo espaço de rejeição e resistência aos homossexuais, torne-se um espaço de sociabilidade para eles. Considerando que fora das igrejas, e como já mencionados, existe espaços, ainda em Belém, reservados ao grupo homossexual, como aponta Milton Ribeiro:

Assim, na luta por visibilidade, pessoas marcadas pelo estigma das sexualidades e gêneros dissidentes tendem a manifestar-se através do grito/escândalo ou reclusão total (mante-se no armário, na reserva), que servem como estratégias diferenciadas de proteção e defesa às manifestações de preconceito e discriminação, porém existem inúmeras maneiras de se construir e vivenciar esses gêneros e as sexualidades seja na vida off-line, nos bares e boates, banheiros públicos, praças ou em qualquer lugar que possibilite a “pegação”, seja online, através da internet. (Silva Filho, 2012, p. 32).

E ainda em outra fala de um interlocutor, o mesmo confirma que há sim repressão aos homossexuais, porém ele não é percebido como tal, e daí tira proveito e se beneficia como pode: “vou a igreja pelo simples fato de querer me encontra com a espiritualidade, não vou lá pra querer a opinião do homem né? Ou seja, de quem está no púbito, mas sim me encontrar na paz de Deus dentro do ambiente, né?” (Oliveira, entrevista concedida em Julho de 2017).

Considerações finais

O trabalho aqui apresentado, trouxe uma parte dos resultados obtido em campo, e que compôs o primeiro capítulo da minha dissertação de mestrado. Sendo todo o trabalho etnográfico desenvolvido somente com sujeitos assumidamente homossexuais, que frequentavam igrejas evangélicas, durante os anos de 2016 e 2017. A partir dos resultados de campo, é possível concluir que; um ponto em comum encontrado na fala dos interlocutores, é que eles respeitam a posição da igreja contrária a sua sexualidade, embora acreditem estarem em condições diferenciais em relação à imagem que os evangélicos possuem sobre a homossexualidade, tornando-se um dos motivos por estarem fazendo uso desses espaços pentecostais e neopentecostais. A exemplo do que aponta um dos interlocutores: “Se a busca do seu bem-estar é alcançada naquele local, não tem porque eu parar de frequentá-lo” (Lai, entrevista concedida em julho de 2017).

Além da questão exposta acima, a frequência desses homossexuais em igrejas evangélicas apresenta como resultado (grifos meus), os seguintes fatores: a busca por independência financeira e a perspectiva de moradia com seus respectivos “parceiros amorosos, embora haja também a aproximação com as suas famílias. Outro ponto a ser observado, é o cuidado com o outro (parceiro amoroso), bem como uma relação homoafetiva discreta no âmbito social- familiar e a busca constante por uma aproximação com Deus, o que surti como efeito um certo conforto espiritual, segundo os mesmos apontam, que se manifesta em seus cotidianos. Logo, com base nisso, é possível concluir que a frequência nessas igrejas evangélica pelos interlocutores, torna-se benéfica e de certo modo al fator acaba encorajando esses atores a se manterem ali frequentes, ainda que a própria igreja os desconheçam ou recuse a homossexualidade.

Em suma, a pesquisa aqui apresentada, permite refletir sobre os muitos dilemas vividos por vários homossexuais, no que se refere a aceitação em determinados espaços, principalmente de cunho evangélico. Contudo, o que consigo apontar até aqui, são as possíveis contribuições benéficas que a religiosidade evangélica pode inserir na vida do público homossexual, mesmo em meio aos conflitos expostos na mídia.

Essa relação atípica com o diferente e o fenomenológico, que envolve igrejas evangélicas conservadoras e homossexuais, deu margem para prosseguir com o processo de investigação sobre a inserção desses atores em espaços pentecostais e neopentecostais, tentando entender como a vida dos mesmos se alteram a partir da frequência em tais instituições. Todavia, o resultado completo dessa pesquisa está presente na minha dissertação de mestrado, sendo colocado aqui uma parte da reflexão obtida por meio do fenômeno estudado.

Referências

ARAÚJO, Martinho Tota Filho Rocha de. Marcadores cruzados: etnicidade, homossexualidade e religião. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 48, Não paginado, 2016.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil. 2012.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero feminino: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 2003.

CAMPOS, Roberta Bivar C.; GUSMÃO, Eduardo Henrique A.; Maurício Junior, Cleonardo Gil B. A disputa pela laicidade. *Revista Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, n. 35, v. 2, p. 165-188, 2015.

CARRARA, Sergio. A antropologia e o processo de cidadanização da homossexualidade no Brasil. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 47, Não paginado, 2016.

CORÍNTIOS, Livro de I. *Bíblia*. Capítulo 6 versículo 9,10.

CORTEN, André. *Os pobres e o espírito santo: o pentecostalismo no Brasil*. Petrópolis: ed. Vozes, 1996.

ENDJSO, Dag Oistein. *Sexo e religião: do baile de virgens ao sexo sagrado homossexual*. São Paulo: Geração editorial, 2014.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. *O que é a homossexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. Da hierarquia à Igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. In: FRY, Peter. *Para Inglês Ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. p. 87-115.

GAIER, Viga Rodrigo. Numero de evangélicos cresce 61%, diz IBGE. *Estadão*, São Paulo, 29 de junho de 2012. Disponível em: <<http://http://www.estadao.com.br/>>. Acesso em: 29 jun. 2012.

_____. Número de evangélicos cresce 61%, diz IBGE. *Estadão*, São Paulo, 29 de junho de 2012. Disponível em: <<http://http://www.estadao.com.br/>>. Acesso em: 29 jun. 2012.

GONÇALVES, Alexandre Oliveiro. “Cura Gay” – articulações entre Ciência e Política na produção de saberes religiosos. In: Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 40., 2016, Caxambu. *Anais...* Caxambu: ANPOCS, 2016. 27 p.

HEBEUS, Livro de. *Bíblia*. Capítulo 12 versículo 23.

HEILBORN, Luiza. *Dois é par*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

JACOB, C. R.; HEES, D. R.; WANIEZ, P.; BRUSTLEIN, V. *Atlas da Filiação Religiosa e Indicadores Sociais no Brasil*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Edições Loyola, 2003.

JESUS, Fátima Weiss de. Igrejas Inclusivas em perspectiva comparada: da "inclusão radical" ao "mover apostólico". In: Seminário Internacional Fazendo o Gênero, 10., 2013, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: UFSC, 2013.

JOÃO CRUZUÉ. Estimativa da população evangélica para 2014. *Portal Blog Olhar Cristão*. Disponível em: <<http://olharcristao.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 17 jan. 2015.

JOÃO CRUZUÉ. Estimativa da população evangélica para 2014. *Portal Blog Olhar Cristão*. Disponível em: <<http://olharcristao.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 17 jan. 2015.

LANDES, Ruth. *A cidade das mulheres*. Tradução de Maria Lúcia do Eirado Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

LEONARD, Émile-G. *L'Illuminisme dan sun protestantisme de Constitution Récente*. (Brasil) Paris: P.U.F., 1953.

LEVÍTICO, Livro de. *Bíblia*. Capítulo 20, versículo 13.

MACEDO, Edir. *Nada a perder*. Livro 1. São Paulo: Ed. Planeta, 2014.

MATEUS, Livro de. *Bíblia*. Capítulo 7 Versículo 28.

MIZRAHI, Mylene. Indumentária: a confrontação da alteridade colocando em dialogo o local e o cosmopolita. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, Ano 13, n. 28, p. 231-262, 2007.

MOTTE, Luis. Homo-afetividade e direitos humanos. *Revista Estudos feministas*, Florianópolis, v. 14, n. 2, p. 509-521, 2006.

NATIVIDADE, Marcelo. Homossexualidade, gênero e *cura* em perspectivas pastorais evangélicas. *Revista de Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, n. 61, p. 115-132, 2006.

ORO, Pedro Ari; TADVALD, Marcelo. A igreja Universal do Reino de Deus no Brasil e a reconfiguração do espaço Público. *Revista de Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, Ano 17, n. 23, p. 76-113, 2015.

PASSARINHO, Nathalia; COSTA, Fabiano. Milhares protestam em Brasília contra aborto e casamento gay. *Site G1*, Rio de Janeiro, 05 de Junho de 2013. Disponível em: <<http://www.g1.globo.com/>>. Acesso em: 05 jun. 2013.

PIEN, H. J. *Formação da Igreja evangélica no Brasil*. Trad. Ilson Kayser. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2001.

REIS, Ramon. *Encontros e Desencontros: uma etnografia das relações entre homens homossexuais em espaços de sociabilidade homossexual de Belém, Pará*. 2012. Dissertação

(Mestrado em Ciências Sociais – concentração em Antropologia) – Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Belém-PA, 2012.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 28, p. 19-54, 2007.

SILVA FILHO, Milton Ribeiro da. *Na rua, na praça, na boate: uma etnografia da sociabilidade LGBT no circuito GLS de Belém-PA*. 2012. 145f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Belém-PA, 2012.

STEFANO, Gilberto. *A origem: Descrevendo a história dos Batistas, dos Católicos, dos protestantes e dos pentecostais*. Marília-SP: Ed. Edições Cristãs, 2006.

VITAL DA CUNHA, Christina. *Religião e política: Uma análise da atuação de parlamentares evangélicos sobre direitos das mulheres e de LGBTs no Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Boll, 2013.